



MOVIMENTO DA VIDA NO VALE DO GAMARRA, SUL DE MINAS GERAIS

Mariana Gravina Prates Junqueira¹

RESUMO

No Vale do Gamarra, na zona rural de Baependi, no sul de Minas Gerais, ocorre a interação entre a população local, denominada tradicional caipira, e os novos habitantes, que chegam à região. As relações socioculturais entre esses atores constituem o objeto desta dissertação. A compreensão das características da população tradicional caipira e da sua reprodução cultural permitiram verificar as influências da sociedade urbano-industrial, que acontecem com a chegada dos meios de comunicação e de novos moradores nessa área cultural caipira. As interações culturais entre os grupos, numa realidade rural relativamente isolada e peculiar, delinearam grandes transformações. Observamos, portanto, um intenso fluxo migratório: de caipiras que se mudam para a cidade e cidadãos que procuram novas formas de vida no campo. Nesse sentido, o campo vai recebendo não só novos moradores, como também vão nascendo novas realidades: atividades econômicas e diferentes formas de reprodução sociocultural, dando origem a múltiplas transformações sociais, tanto na região estudada como em diversas outras. Enfim, em meio a uma realidade complexa e peculiar, a dinâmica migratória reproduz novas realidades em um processo de interação sociocultural com novas relações sociais, afetivas e religiosas no local.

Palavras chave: populações tradicionais e caipiras, fluxos migratórios, novas realidades rurais no Brasil.

ABSTRACT

In a rural place in Brazil, south of Minas Gerais, Baependi, Vale do Gamarra, takes place a interaction of a local population, denominated traditional caipira and new habitants that have moved to this local. The sociocultural relations between these actors is the object of de text. As a beginning the characteristic of the traditional population caipira and its cultural reinvention were observed and then the comprehension of the urban-industry society influences, the mass media and new neighbors, beyond this "caipira cultural area". The cultural interaction between these two groups, in a rural and specific reality, produces many changes. In fact, we can see an intense migratory flux: caipira that have moved to the city and urban citizen that search new ways of life in the countryside. As a result, the countryside starts to receive new habitants, and new realities: economics activities and a particular sociocultural reproduction, so many social

¹ Formada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutoranda do Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professora da Fundação Presidente Antônio Carlos de Baependi, FUPAC.

changes, in the research area as others in Brazil. Lastly, in the middle of a specific and complex reality, the migratory movement produces new realities in a sociocultural interaction process, with new social, emotional and religion relations in this area.

Keywords: *traditional population and caipiras, migratory flux, new rural realities in Brasil.*

1. Considerações iniciais

O artigo tem como ponto de referência a pesquisa realizada para a elaboração da dissertação de mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que teve por objeto de estudo a relação que se estabelece entre dois tipos de população que habita o Vale do Gamarra: uma, de ocupação mais antiga, tem seu modo de vida centrado numa cultura rural tradicional; e outra, de ocupação mais recente, de origem urbano-industrial, que para lá migrou nos últimos anos.

O objetivo da pesquisa consistiu na compreensão das relações socioculturais que surgem dessa interação ou as novas formas de sociabilidade que se estabelecem nessa relação social bastante peculiar. Nessa intersecção permanente desses dois universos culturais, é possível perceber quais são as novas configurações que surgem e como ocorrem as respectivas dinâmicas de reordenamento sociocultural.

A pesquisa esteve focada nesses dois movimentos socioculturais interligados: o da comunidade tradicional que e passa por grandes transformações em relação às suas atividades culturais e econômicas; e a dos chamados novos rurais, inserida numa cultura urbano-industrial, ensejando novas relações homem x natureza.

Esses dois núcleos culturais distintos convivem no mesmo espaço e, logicamente, se influenciam mutuamente. Esse trabalho retratou tais relações, apontando para uma nova realidade do campo, surgida a partir do recebimento de novos adeptos de uma vida mais próxima à natureza e das mudanças que vêm ocorrendo nessa nova relação tanto para aqueles, que denominamos tradicionais, como para os oriundos da cidade.

Foi a partir desse movimento de intersecção cultural que cheguei a conhecer essa região que, apesar de relativamente próxima aos centros urbanos: cerca de 300 km do Rio de Janeiro e de São Paulo, e 450 km de Belo Horizonte, ainda permanece relativamente isolada das novas tecnologias das grandes cidades e da economia capitalista plena. O difícil acesso à região é um dos fatores responsáveis pelo isolamento dos seus habitantes, o que possibilita uma grande preservação do ambiente natural e atrai novos moradores e turistas. Nesse contato, houve a oportunidade de presenciar famílias migrando e estabelecer as diferenças

socioculturais entre os que chegam e os que lá estão, incentivo fundamental para o estudo dessas relações e o registro das características culturais peculiares à região, assim como as novas realidades emergentes.

Para a pesquisa, foram utilizados diversos artifícios metodológicos que, integrados, possibilitaram uma análise abrangente das realidades presentes na região. Um dos instrumentos metodológicos utilizados foi a observação participante; por meio da permanência em campo e participação na vida local, foram coletados os dados necessários à pesquisa e posterior elaboração do texto. As gravações de conversas, um diário de campo e as entrevistas também tiveram grande utilidade, assim como a história de vida, que foi utilizada para completar a análise.

2. Vale do Gamarra e a sua população

A vida rural dessa região ainda bastante isolada é peculiar: pequenos sítios ocupam a região. As propriedades maiores começaram a ser sistematicamente divididas pelos herdeiros. Conseqüentemente, a quantidade de área resultante das subdivisões é inversamente proporcional ao tamanho da família. Assim, alguns herdeiros hoje vivem em fazendas, enquanto outros em pequenos lotes ou sítios. Contudo, um fato pode ser observado na região: são todos parentes.

As relações sociais entre as famílias do Vale do Gamarra são estreitas na medida em que os casamentos acontecem entre primos e familiares dos arredores, impedindo que os laços de parentesco se distanciem muito. Apesar de viverem em uma região isolada, a amizade, a solidariedade e o companheirismo das famílias aproximam as pessoas e as ajudam a enfrentar as dificuldades impostas pela vida no campo e o isolamento.

Grande parte das famílias cria gado para a venda do leite e produção de diversos tipos de queijos: mussarela, parmesão, minas (fresco); e também produzem para o próprio consumo. Os intermediários vão buscar o leite no vale e a rotina do produtor estará condicionada aos horários do comerciante. Assim, o horário da alvorada poderá variar das cinco às sete horas dependendo da chegada do “leiteiro”, pois se deve ordenhar as vacas e acondicionar o leite em latões que serão transportados para a cidade. Para a produção de queijo, que acontece na própria fazenda ou na do vizinho, pode haver uma flexibilização deste horário. A ordenha é uma tarefa principalmente masculina, assim tanto o pai como os filhos mais velhos se encarregam dessa tarefa. Entretanto, as mulheres podem também se ocupar da retirada do leite em algumas famílias, o que ocorre quando o número de parentes homens é reduzido. Já o queijo é feito pelas mulheres, que instalam queijeiras nas fazendas e alternam o tipo de

queijo a ser produzido. Em casas onde não moram mulheres, os homens também podem dedicar-se a essa tarefa. A pecuária de corte também existe no Vale fato observado principalmente em fazendas mais afastadas da estrada, onde a chegada do carro é mais difícil.

Ao amanhecer, o desjejum consiste em café com leite com farinha de milho, bolinhos, que são preparados com ovos, leite e fermento, e podem ou não ser fritos, e algum outro tipo de pão, biscoito ou broa de milho, a “quitanda”, como são chamados por eles. Essa quitanda é preparada pelas mulheres em um dia especial e conta com a ajuda de vizinhas e familiares. Um forno de barro fora da casa é construído especialmente para esse fim.

No almoço é servido arroz, feijão, macarrão, farinha de milho e podem também preparar alguma carne ou algum legume da horta, refeição que poderá ser repetida no jantar depois do café da tarde. A carne mais consumida é a de porco: toucinho e linguiça são pendurados em cima do fogão à lenha para serem defumados e serem consumidos mais tarde. São das mulheres as obrigações domésticas, a limpeza da casa, das roupas, da cozinha, o cuidado das crianças e também a manutenção das hortas que se localizam próximas às casas.

As roças de milho, feijão, cana e mandioca são as mais frequentes, cultivadas em época de chuva (outubro a março). Nesse período, os campos são roçados e preparados para o plantio, que acontecerá quando as chuvas são mais intensas. Para o plantio, a família inteira participa da empreitada, que tem que ser feita velozmente para aproveitar o período úmido e quente, pois o inverno é extremamente seco muito frio, com geadas. O arado da terra pode ser feito manualmente ou com ajuda de animais, principalmente as juntas de boi. O arado mecanizado por meio de tratores é raro e só acontece quando um trator da prefeitura está no Vale em decorrência de um serviço como a conservação ou abertura de novas estradas.

Muitos proprietários usam a prática da coivara em áreas destinadas à agricultura. As áreas agrícolas são restritas hoje em dia, uma vez que a pecuária leiteira é a atividade predominante. Assim, quando o proprietário percebe um rendimento baixo em seus cultivos em um ano, ele pode lançar mão do fogo para renovar a terra. Essa prática é tradicional na região, apesar de hoje ser restringida pelos órgãos públicos ambientais (IBAMA e IEF²). Após roçar a capoeira mais alta, se pode queimar a área para então ará-la, para posteriormente serem lançadas as sementes. A utilização de adubo de cobertura é hoje comum, assim compram o adubo químico NPK (nitrogênio fosfato potássio) na cidade, para as suas roças. Após o plantio é feita a manutenção do cultivo capinando as áreas plantadas. Os instrumentos utilizados nessas atividades são rústicos: o penado para o roçado e a enxada. A agricultura está diretamente ligada à pecuária, pois o milho e a cana produzidos serão

² IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, IEF - Instituto Estadual de Floresta.

utilizados para o trato de animais (vacas, bois, cavalos, éguas, mulas, burros) e muitos legumes da horta destinam-se a engorda dos porcos.

Se por um lado o fogo utilizado para a agricultura em nada impacta as áreas vizinhas, já que acontecem em pequenas áreas e ajudam a fertilizar o solo, o mesmo não se dá com as queimadas das pastagens. Assim, após o roçado do pasto, a forma utilizada para renová-lo é a queimada, que acontecerá em uma data associada à umidade do ar quando o céu estiver encoberto ameaçando chuva. Apesar dos aceiros³ que são feitos em volta de toda a área a ser queimada para evitar que o fogo alcance áreas vizinhas, os ventos violentos podem provocar grandes incêndios na região.

Os pastos destinados ao gado precisam de constante manutenção. O roçado dessas grandes áreas é obrigação dos homens, pais e filhos, que cumprem parte da empreitada e no período que julgam ser mais conveniente, a lua minguante, chamam os vizinhos, familiares e amigos para o mutirão. Nesse dia, os convidados vão à casa estipulada, na hora marcada (geralmente às oito horas), depois das obrigações de suas próprias fazendas, tomam café da manhã e começam o trabalho de roçado. Na hora do almoço, ao meio dia ou à uma hora, se alimentam da comida do anfitrião, que consiste em arroz, feijão, macarrão, uma carne que pode ser frango, leitão ou boi, farinha de milho e alguma verdura e batata. De volta ao campo, continuam o serviço até o entardecer, às dezessete horas, com uma breve parada de meia hora para o café da tarde, às duas horas. O serviço que o proprietário levaria uma semana pode ser cumprido em um único dia; além da velocidade do trabalho, a animação e a descontração estão presentes, aliando trabalho e diversão. Muito popular também é a pinga, que vem da cidade e é consumida no final do serviço.

Grupos de dez a vinte camaradas fazem o serviço em uma fazenda e na lua minguante seguinte vão para outra propriedade para ser roçada, também em esquema de mutirão. Em outros tempos juntavam-se até cinquenta homens para o trabalho, mas como muitos já foram para a cidade, esse número hoje é reduzido. Não é somente o serviço do roçado do pasto que lança mão dos mutirões, a capina para o plantio do milho ou qualquer outro serviço que se faça necessário pode solicitar ajuda dos companheiros. Essa prática antiga é comum na região e todos participam.

Esses laços de solidariedade que unem as famílias, os vizinhos e os parentes, garantem a proximidade dos indivíduos, a coesão social e a possibilidade de reprodução social em um sistema isolado e distante da cidade, cuja sociabilidade é extremamente peculiar. As dificuldades são vencidas com essa ajuda mútua.

³ O aceiro consiste na retirada do mato em volta de onde será a queimada, por meio da capina por uma área de dois a três metros com auxílio da enxada.

Uma realidade semelhante foi observada por Antônio Candido em Bofete, São Paulo, na década de cinquenta, na qual os mutirões exemplificavam a reprodução sociocultural da população, com práticas de ajuda mútua e sentimento de localidade que integravam as famílias, agregados e posseiros numa estrutura de bairros e localidade que era de fundamental importância para a coesão social. Estrutura que foi denominada pelo autor de solidariedade caipira (CANDIDO, 2001).

Portanto, a solidariedade caipira foi observada no Vale do Gamarra, onde os mutirões e os movimentos de solidariedade são característicos a essas áreas ditas caipiras, mesmo que os movimentos de transformação já estejam presentes na região.

O isolamento da região vem sendo alterado nos últimos quinze anos. Os moradores compravam pouquíssimas coisas na cidade e maior parte dos alimentos era da própria região, como feijão, milho, café, batata, legumes e verduras, carnes e banha de porco, usada como óleo. A farinha era toda produzida, o café torrado e pilado e a banha, extraída na fazenda, dos porcos que eram criados nas propriedades.

Atualmente, a lista de compras vem aumentando bastante na medida em que a interação campo - cidade se torna mais estreita e os produtores encontram mais vantagem em comprar uma vez que os afazeres das fazendas são muito numerosos e a cada dia atraindo menos os jovens, dificultando o cumprimento de todas as atividades realizadas no passado. As lavouras multiplicavam-se pelo vale, nas encostas, nas várzeas e em diversas áreas apropriadas. Os grandes proprietários arrendavam parte de suas terras para que os pequenos pudessem ampliar suas produções. Com o passar do tempo, essas grandes propriedades foram sendo subdivididas entre os herdeiros, podendo ser tão pequenas a ponto de pressionar o êxodo ou o trabalho em outros sítios.

As novas restrições ambientais também foram apontadas por alguns moradores, como motivo da diminuição da produção agrícola. A área do Vale do Gamarra constitui Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira (APA Mantiqueira) desde 1995 e entorno do recém-criado Parque Estadual da Serra do Papagaio, que engloba diversos municípios no Sul de Minas Gerais. Muitos moradores tiveram parte de suas terras inseridas no traçado do parque e outros tiveram que reelaborar suas atividades econômicas em decorrência das restrições ambientais.

O Parque Estadual da Serra do Papagaio (PESP) foi criado em agosto de 1998, com uma área de 22.917 hectares abrangendo áreas dos municípios de Baependi, Aiuruoca, Alagoa, Itamonte e Pouso Alto e sede administrativa no escritório do Instituto Estadual de Floresta (IEF) na cidade de Varginha, também no Sul de Minas Gerais. A região é de grande relevância ecológica, pois concentra as nascentes de alguns dos principais afluentes do rio Grande. Inserido no bioma da Mata Atlântica, o PESP integra-se ao Parque Nacional do

Itatiaia e a APA Mantiqueira. A biodiversidade natural da área, associada à dificuldade de acesso ao local, possibilitou historicamente grande preservação da flora e da fauna nativas. A relevância cultural também merece grande destaque, pois todo o entorno do PESP, integra a área cultural caipira que estamos discutindo nesse trabalho, com enfoque para região do Vale do Gamarra que tem recebido um fluxo migratório de novos moradores vindo de áreas urbanas.

O processo de implantação do Parque Estadual da Serra do Papagaio, assim como diversas outras unidades de conservação pelo mundo, traz à tona o conflito entre a ocupação do espaço e a utilização dos recursos naturais pelas populações que vivem nas áreas e a preservação do meio natural. Assim, a iniciativa do Estado em garantir a preservação por meio de desapropriação de terras particulares entra em conflito com as diferentes culturas e o uso econômico que as sociedades sempre fizeram da terra. A forma de implantação é bastante problemática, na medida em que as comunidades não são previamente consultadas e nem envolvidas nas discussões que definem as áreas a que abrangerá a unidade de conservação. Os limites do Parque Estadual ainda não estão definitivos, pois pelo decreto foram incluídas algumas áreas produtivas sem relevância ambiental e deixadas de lado extensas áreas florestadas, portanto tem ocorrido uma revisão desses limites.

Nesse contexto, a região hoje é palco de profundas transformações que envolvem diversos atores: a população tradicional caipira, os cidadãos que vieram morar na região, os órgãos públicos gestores, o turismo que cresce em várias regiões e a política ambiental que é imposta em um processo autoritário, unilateral e punitivo.

No Vale do Gamarra, por exemplo, o município de Baependi tem a mais extensa área dentro do PESP e as desapropriações ainda são restritas a pequenas áreas, mas muitas áreas já têm seu aproveitamento econômico limitado. Com a extinção de algumas atividades, novas alternativas foram sendo encontradas, a exemplo, o artesanato de cestos de bambu a que muitas famílias dedicam-se. Confeccionam cestos, bandejas, balaios, baús, charmosos utensílios e móveis que serão vendidos em Baependi e também levados para o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Essa atividade econômica é uma alternativa para as mulheres e famílias com pouca ou nenhuma terra.

As diversas atividades econômicas da região integram-se a um laço familiar e de compadrio que unem as pessoas, em uma reprodução social que pode ser considerada, não capitalista, na qual o trabalho não se tornou mercadoria e há uma grande dependência dos recursos naturais e dos ciclos da natureza; seu manejo visa à reprodução social e cultural e não o lucro; apesar de haver uma ligação com o mercado ela ainda é branda. (DIEGUES, 1994).

As casas possuem arquitetura semelhante, são quadradas com sala, cozinha, quarto, um ou mais dependendo do tamanho da família. As construções mais recentes têm adicionado o

banheiro, com serpentina⁴ no fogão à lenha para proporcionar banhos quentes aos moradores e a varanda. As mobílias variam de casa para casa, mas todas possuem fogão à lenha nas cozinhas, algumas têm mesa e cadeiras, outras grandes bancos, camas nos quartos e cadeiras ou sofás nas salas e algumas possuem estante na sala e fogão a gás na cozinha.

Assim, tanto as casas como os modos de vida têm características comuns, simplicidade nas mobílias da casa, e na alimentação: arroz, feijão, farinha de milho, mandioca, banha de porco, alguma carne, café, bolinhos, broas e outra quitandas; atividade econômica: pecuária leiteira e a produção de queijo, trabalho no campo, agricultura, artesanato e um forte laço de solidariedade que une a todos.

Esse laço familiar se expressa ainda por meio de festas, orações, mutirões e as visitas que uns costumam a fazer aos outros. Como as casas podem ser distantes, o pouso do visitante para passar a noite é muito comum. As festas são frequentes, todos são convidados e muita comida e bebida são oferecidos. A bebida vem da cidade e a comida é feita na casa; muitos animais são abatidos e servidos aos convivas, com arroz, feijão e farinha. Essas comemorações podem ter vários motivos, festa de Santos Reis ou outro santo, promessas e comemorações. Além das festas dos santos, existem outras formas de expressão de religiosidade, como as novenas e rezas que acontecem nas casas dos moradores e também na capela. Os moradores, a cavalo, seguem para as casas dos devotos, a fim de rezar o terço. Esses encontros constituem momentos de interação social, uma vez que aproveitam o momento para rever amigos e parentes e passar um tempo juntos.

Essa reprodução cultural, as festas, os mitos, os ritos e as religiões possibilitam a coesão social; entretanto, não impedem o aparecimento de conflitos, e é claro, um movimento de transformações sociais. Não são sociedades estáticas, mas sim suscetíveis a mudanças decorrentes de fatores internos e externos da sociedade. Apesar de voltados para a produção de valores de uso para sua auto reprodução enquanto grupo social, ligam-se também ao mercado e incorporam em certa medida valores capitalistas. Seu modo de vida pode ser caracterizado, segundo Diegues de “pequena produção mercantil” (DIEGUES, 1994).

Essas transformações acontecem também no Vale do Gamarra, onde muitos herdeiros venderam suas propriedades para a gente de fora, que começa a chegar à região atraída pelas belezas naturais e distante do modo de vida ocidental das grandes cidades. Por outro lado, a população local mais jovem também se vê atraída pelas possibilidades da cidade, escola para as crianças, várias alternativas de trabalho e o conforto que esse novo modo de vida proporciona aos moradores, como a luz elétrica, transporte, hospitais entre outros.

⁴ A serpentina é um sistema de encanamento que passa pelo fogão à lenha, aquecendo a água quente para o banho.

Observando essas características sócio culturais, seria pertinente enquadrar essa população ao que alguns autores denominam de sociedades tradicionais em regiões de São Paulo e também parte de Minas Gerais, como Caipiras. A denominação de tradicional é amplamente discutida e lançarei mão da definição que pensa essa sociedade como um grupo que isoladamente reproduz formas peculiares de vida.

As sociedades tradicionais: grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Essa noção refere-se tanto aos povos indígenas quanto a seguimentos da população nacional, que desenvolveram modos particulares de existência adaptados a nichos ecológicos específicos. (DIEGUES; ARRUDA, 2000,p.27).

Partindo da observação dessa população na zona rural de Baependi, foi possível encontrar diversas semelhanças àquelas observadas por Antônio Candido em sua pesquisa. Também corresponde à cultura rústica caipira conforme definida por Darcy Ribeiro (2006). Entretanto, não é possível pensá-las como populações estáticas, que não estão sujeitas à mudança e às transformações sociais. Pois as populações descritas pelos autores acima, passaram por amplos processos de interação cultural e talvez, segundo Antônio Cândido, os caipiras até deixaram de existir enquanto tal, na região estudada por ele; porém essa população rural do vale do Gamarra, ainda mantém características muito marcantes da cultura caipira; apesar de não serem idênticas às estudadas anteriormente.

O habitante dessa região é um caipira que interage com as populações que vêm da cidade, comercializa os seus produtos, faz compras nos mercados e por vezes procura emprego no campo ou mesmo na cidade. Sua reprodução sociocultural não está condicionada ao lucro, mas possuem de fato pequenos valores capitalistas presentes em seu cotidiano e um vínculo com o mercado. Não podem mais ser considerados, hoje em dia, uma sociedade totalmente isolada, mas apesar de inserida num contato mais amplo de sociabilidade, suas interações ainda não produzem grandes mudanças.

Nestas novas relações campo-cidade, a proximidade que começa acontecer entre essas duas populações, o intercâmbio cultural, lança novos valores a essa população, assim, alguns jovens começam almejar prosseguir os estudos. Esses jovens inserem-se no sistema escolar carregando vasta bagagem, que é definida segundo Bourdieu como capital econômico, social e cultural. Não são indivíduos isolados e sim inseridos em uma estrutura social. Constituindo um grupo social específico, a disposição para ações específicas estaria sendo transmitida por

meio do *habitus*⁵. Assim as expressões individuais, estão vinculadas às origens socioculturais. (BOURDIEU, 1997).

A permanência da lógica desse *habitus* mantém a conexão das novas práticas sociais com as antigas. Constitui uma continuidade dentro da mudança. Nesse contexto as transformações implicam em um movimento sociocultural que imprime novas influências, no entanto mantém uma congruência com o tradicional, sem significar o desaparecimento do sistema cultural caipira. Entretanto, há uma tendência a transformação desse capital social e cultural e conseqüentemente do *habitus*. Assim, as crianças anseiam por estudar, conhecer novas realidades. No passado, a inexistência de escolas era comum e eram raras as localidades nas quais se podiam encontrar uma instituição de ensino, mas no início do século XXI, ela se tornou presente na vida das crianças.

A escola que existia no vale até 2006 era uma escola rural, na qual as crianças estudavam até a primeira fase do Ensino Fundamental (quarta série). Após essa fase, alguns paravam o estudo e outros iam morar na cidade ou no bairro rural vizinho, Piracicaba. Em 2007, a escola estadual de Piracicaba foi reformada e ampliada, passando a oferecer Ensino Fundamental e Ensino Médio. A escola do vale foi fechada e a prefeitura disponibilizou transporte escolar. Portanto, a educação, as escolas, a busca por serviços e hospitais são os fatores que mais levam famílias para fora do Vale. Quando essas pessoas possuem terra, elas continuam com um vínculo ao local. Caso vendam suas propriedades ou morem em casas e propriedades alheias, esse vínculo se enfraquece e muitos só voltariam para breves visitas.

A dificuldade do acesso ao local teve uma substancial transformação nos últimos quinze anos. A estrada era muito precária, a circulação muito difícil e o ir e vir era tarefa árdua. Raramente chegavam visitantes à região e os moradores não possuíam meios de transportes motorizados, apenas animais. Hoje são duas as estradas conservadas e muitos moradores têm motos ou carros. Mesmo com as novas facilidades, ainda é uma vida mais distante e difícil, então alguns procuram estar mais perto de infraestrutura e acabam migrando para São Pedro ou para a cidade de Baependi.

Em 2007, o Programa de Saúde da Família colocou em funcionamento o posto de saúde nos bairros rurais. As agentes encaminham os casos mais complicados para o hospital da cidade e os mais simples são tratados nos postos, nos dias em que o médico vem da cidade. Contudo o acesso aos medicamentos é problemático, pois não há farmácia nesses bairros.

⁵ Habitus, definido por Bourdieu, é um conceito que se associa ao acúmulo histórico de experiências em um grupo histórico, construindo um conhecimento prático, real que pode ser alcançado pelos membros daquela realidade social concreta. "sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes." Bourdieu, Pierre - "Esboço de uma teoria da prática", pg. 61. In, Ortiz, Renato (org.) - Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática, 1983.

Assim muitas famílias compram uma casa na cidade, para facilitar compras e tratamentos, e lá os laços de parentesco também constituem uma rede intensa de solidariedade.

Entretanto, não são todos que possuem tantas facilidades. Quando as famílias são menores, a quantidade de parentes também é menor. E se parte dela muda-se para a cidade ou para outra região, ou tem alguma intempérie, como a morte ou acidentes, o resto da família pode ficar desamparado. Com poucas pessoas para a lida na roça e crianças pequenas, a situação dessa família pode se tornar muito precária. A alternativa para as mulheres, como exposto anteriormente, se torna o artesanato, e para os idosos, a aposentadoria.

Dentre as inúmeras transformações que vem ocorrendo no século XXI, está a chegada da luz elétrica, que aconteceu em junho de 2007. Os moradores que haviam se inscrito alguns anos antes foram contemplados com a energia, mas não foram todos. No início apenas alguns compraram televisão, portanto os que não tinham comprado ainda assistiam na casa do vizinho. Quando todos compraram esses encontros restringiram-se a alguns programas especiais, como jogos de futebol. Como ainda é recente a chegada da luz, poucas mudanças foram observadas. Uma delas é a hora de dormir, pois os moradores que acompanham programas na televisão começaram a dormir mais tarde, mas continuaram a acordar no mesmo horário. Se a observação cotidiana de um modo de vida tão diferente irá acarretar mudanças substanciais às crianças e aos jovens, só iremos saber transcorridos alguns anos, talvez dez ou até mais.

A empolgação é maior entre os mais jovens, que desfrutam das inovações tecnológicas que chegaram ao vale, televisores, geladeiras, celulares. Contudo entre os mais idosos, a luz elétrica não chama atenção. Essa população mais velha que vive ali desde a sua infância, tendo vivenciado um estilo de vida por décadas, não sente necessidade de imprimir significativas transformações ao seu tradicional modo de vida. Não se interessa pela luz elétrica e pelos aparelhos que poderão ser utilizados a partir dela. Assim, dois meses depois de chegar à luz para dona E, ela ainda não tinha adquirido nenhum aparelho novo.

Como acontece na região, os visitantes são muito bem recebidos pelos donos das casas, que sempre oferecem café e bolinhos para os recém-chegados e se a visita se alongar mais, almoço e café da tarde também são providenciados. Não aceitar esse agrado constitui em um grande desgosto para o anfitrião, que constantemente insiste para o visitante tomar mais um golinho de café ou tirar mais bolinho ou biscoito.

Enfim, é uma região onde o fluxo migratório para fora está vinculado principalmente à dificuldade de acesso a recursos básicos, como educação e saúde e uma estagnação da atividade econômica predominante, a pecuária leiteira e a agricultura. Assim a busca por empregos mais rentáveis, associada a serviços básicos oferecidos nas cidades são as principais causas de êxodo rural. Fato comum em diversas áreas rurais brasileiras, uma vez

que os rendimentos das atividades urbanas são superiores aos vinculados com a agropecuária. Esse fluxo algumas vezes concentra-se na cidade de Baependi e por outras, leva os camponeses caipiras para cidades do Vale do Paraíba. Segundo Graziano da Silva (2002), a falta de infraestrutura social básica nessas áreas rurais vinculadas à agropecuária é responsável pelo êxodo dessas populações que muitas vezes fixam-se brevemente nas pequenas cidades para então se dirigir para os grandes centros. O que de fato é uma realidade nessa região.

Podemos observar que mesmo com todas as transformações em curso ainda mantém certas características que os marcam como uma população peculiar que se reinventa num novo contexto, mas mantendo a conexão com a lógica da vida caipira.

2.1. O caipira e o processo de povoamento

O processo de povoamento da região teve a participação de inúmeros agentes, como os índios e portugueses, que vão estabelecendo relações sociais e mercantis totalmente diferentes das da metrópole brasileira. Os arraiais paulistas e mineiros eram constituídos por pequenos casebres de taipa, cobertos de palha. A agricultura de subsistência da mandioca, feijão, milho e tubérculos garantiam a alimentação do caipira, que a incrementava com uma carne de caça ou peixe. Mesmo os bandeirantes mais proeminentes com índios cativos a seu serviço, também se enquadravam nessa atmosfera de pobreza; interagindo constantemente com os índios, falavam a língua geral, variante do Tupi, e utilizavam técnicas da lavoura indígena, como a coivara, artefatos indígenas, como a peneira e a canoa. (RIBEIRO, 2006).

Esse mestiço que vai se constituindo enquanto grupo étnico inserido em relações sociais, culturais e históricas locais, distingue-se do negro escravo e depois alforriado, do imigrante que começa a chegar à região de São Paulo para trabalhar na agricultura comercial que se expandiu em parte da região e é claro, do índio.

Esse grupo possui um espaço delimitado e é inserido nesse território onde vai acontecer a reprodução social do Caipira, como define Antônio Candido, totalmente descolada dos moldes capitalistas, com características culturais e étnicas muito peculiares.

Com o advento da mineração o fluxo migratório para as minas gerou a possibilidade da existência de núcleos urbanos e da diversificação das atividades econômicas. Passados cinquenta anos, Minas Gerais já era a região mais rica da colônia com grande rede urbana. Essa demanda urbana possibilitou o desenvolvimento da agricultura comercial na região.

Entretanto, foi à decadência da mineração a responsável por lançar a região mineradora de Minas Gerais em uma economia de subsistência, na qual os cidadãos e mineradores passam

a engrossar a vida rural, numa variante, que passou a ser conhecida como "área cultural caipira".

Apesar de ter havido uma evasão de áreas urbanas em regiões de Minas Gerais nas quais a mineração era a atividade principal, esse fato não significou substancial transformação na região a que estamos estudando no Sul de Minas Gerais, na zona rural do município de Baependi. Essa região teve uma incipiente atividade mineradora e a principal atividade econômica sempre foi à agricultura. Portanto, não podemos considerar a decadência da mineração o início dessa área cultural, pois ela já existia.

A vida rural do caipira valoriza o equilíbrio entre o trabalho e o lazer, numa forma autárquica e não mercantil que não pretende um padrão mais alto de vida ou um ritmo intenso de trabalho, mas sim sua independência inserida no sistema tradicional de produção.

A implantação de um novo sistema produtivo, com agricultura comercial, mercado de carne e a exportação desses gêneros alimentícios associados ao crescimento das cidades, vão tornando insustentável a vida do caipira de muitas regiões, que vai gradativamente perdendo suas terras e encontrando imensas dificuldades em trabalhar em parceria com os grandes produtores. Veem - se restritos a poucas alternativas, como a de tornar - se posseiros à espera de um trabalho esporádico no campo ou incorporar-se definitivamente às massas urbanas.

A economia caipira pode ser considerada como uma economia semifechada nas estruturas dos bairros, utilizando técnicas rudimentares, troca de produtos e serviços e a autossuficiência dos bens de consumo, evitando ao máximo os intercâmbios constantes entre a cidade e o campo. Contudo, com as influências capitalistas e a transformação de valores sócio culturais, associado ao movimento interno e externo da sociedade, essa autossuficiência vai se deteriorando, manifestando os sintomas de grandes mudanças que acarretam uma crise social e cultural.

Nesse momento de crise, observamos dois possíveis movimentos, de persistência ou de alteração, podendo originar uma reorganização das estruturas socioculturais ou uma desorganização das mesmas. Assim, segundo Antônio Candido produziria: enquistamento; desorganização; aculturação. O caipira pode reagir migrando ou adaptando-se como possível. É exatamente o que vem acontecendo no Vale do Gamarra: alguns moradores mudam-se e outros continuam ali, numa reprodução mutável e sujeita às influências.

Essas culturas ditas tradicionais possuem um modo de vida específico, uma relação peculiar com a natureza e os recursos naturais, interagindo sem acarretar destruições e transmitindo o conhecimento para perpetuar a identidade do grupo (DIEGUES, 1998). Estabelecem, no interior de seus grupos, meios de subsistências peculiares, que só podem ser compreendidos

inseridos em um conjunto de reações culturais que são desenvolvidas a partir de necessidades básicas dos indivíduos que compõem esse grupo social (CANDIDO, 2001).

Nesse contexto, sociedades caipiras tradicionais que ainda preservam suas relações de sociabilidade são extremamente raras em nossos dias e estão confinadas às áreas mais remotas e menos integradas ao sistema produtivo nacional. Segundo Antônio Candido, constituiria uma extensa camada marginal, com condições precárias de vida, sem possibilidade de mobilidade social.

No estudo da vida social do caipira, deve-se justamente levar em conta estas necessidades, desenvolvidas, em virtude do rompimento da estrutura tradicional e do aparecimento de novos incentivos, tudo devido à passagem da economia fechada de bairro à economia aberta, dependente dos centros urbanos e suas flutuações econômicas (CANDIDO, 2001, p.282).

A transformação socioeconômica procedida no Brasil leva à interação, entre o caipira no campo e o homem da cidade ou a sociedade urbano- industrial. Essa influência da sociedade urbano-industrial, apesar de ainda não ter determinado grandes alterações ao modo de vida da população rural, chegou também com a presença de “eco turistas” e cidadãos que buscam novas áreas para estabelecer um novo modo de vida, com os meios de comunicação e com os tentáculos que a sociedade urbana industrial acaba lançando para todos os lados.

O caipira do Gamarra, não poderia ser estudado como uma população totalmente isenta de transformações e influências. E sim, influenciado por um movimento cultural dinâmico de todas as sociedades, criando e recriando formas distintas de reprodução social, interagindo constantemente interna e externamente com diferentes indivíduos oriundos de locais diferentes, com modos de vida diferentes e que vão constituindo a vida na região um movimento todo particular.

3. As interações cidade e campo

O processo de urbanização, o êxodo rural, o crescimento das cidades e a industrialização significaram, em âmbito mundial, profundas transformações nas sociedades. No Brasil, essas mudanças aprofundaram-se no final do século XIX e primeira metade do século XX, quando a população rural foi deixando o campo e dirigindo-se para as cidades.

São inúmeros os motivos que impulsionaram essa população para uma nova realidade, entre eles a procura de melhores condições de vida, saúde e educação, novas perspectivas de emprego e a expulsão a que sofreram em decorrência da concentração fundiária. O esgotamento do antigo modelo rural, a modernização dos sistemas agrícolas, libera grande

contingente de migrantes para as indústrias, que ainda absorvia essa mão de obra barata e desqualificada.

No transcurso do século XX as cidades crescem assustadoramente, associadas ao aumento populacional, desenvolvimento da medicina e da tecnologia e o campo, por sua vez, é chamado a atender a demanda alimentar urbana. Para tanto, passa a utilizar maquinários modernos, produtos químicos, defensivos agrícolas e propriedades cada vez maiores. Os espaços destinados aos colonos e agregados, para viverem e produzirem suas roças de subsistência são substituídos pela lavoura comercial e pelo lucro. A indústria capitalista chega ao campo com o nome de agro negócio.

Essas transformações trouxeram para o campo teórico uma análise dos rumos da ruralidade, e das oposições do campo - cidade e do rural – urbano. Nessa abordagem sobre a nova ruralidade, Abramovai (2003) propõe algumas características fundamentais, que seriam a proximidade com a natureza, a ligação com as cidades e as relações interpessoais que derivam da baixa densidade populacional. Outro traço marcante observado na nova vida rural é a racionalização, uma vez que em grande parte das áreas rurais, o trabalho também se tornou mais dinâmico, diversificado e exigindo novas habilidades gerenciais e técnicas para conquistar parcelas do mercado. Assim, o conhecimento tradicional que é passado de pai para filho, começa não mais bastar para o sucesso dos empreendimentos rurais.

Nas regiões na qual o acesso à infraestrutura, à educação, à saúde e a outros confortos como luz elétrica, é restrito às áreas urbanas, o êxodo rural continua a acontecer. Inversamente, as regiões rurais com acesso aos serviços urbanos, vivenciam uma grande integração de espaços rural – urbano, apresentam não só a diminuição do êxodo como a atração populacional. Essa dicotomia total apontada por alguns autores entre o rural e o urbano está sendo diluída na atualidade, e no Brasil o conceito de rurano ganha cada dia mais sentido. O projeto rurano procurou lidar com as transformações nas relações campo e cidade no Brasil e percebeu-se uma dificuldade crescente em se delimitar o que é rural e o que urbano. (GRAZIANO DA SILVA, 2002)

Portanto, as antigas delimitações rural-urbano já perderam suas características tradicionais. Assim o meio rural brasileiro se urbanizou incorporando diversas atividades tipicamente urbanas, como prestação de serviços, empregos em agroindústrias, comércio e atividades relacionadas à preservação do meio ambiente, diminuindo drasticamente as atividades exclusivamente agropecuárias. Um novo cenário rural se delineou não vinculado exclusivamente com o agrário, mas com diversas atividades em um universo de pluriatividades. Dessa nova realidade, sua pesquisa procurou entender as diferentes dinâmicas que impulsionaram a geração de empregos não agrícolas no meio rural brasileiro. A demanda da população de alta renda por casas de campo, de veraneio e chácaras abrem a

possibilidade de serviços de caseiros, jardineiros, empregados domésticos. (GRAZIANO DA SILVA, 2002).

A criação desses empregos não agrícolas está associada diretamente à dificuldade em conseguir uma reprodução econômica em realidades rurais, possibilitando a elevação de renda e conseqüentemente reterem a população no campo. Esse novo contexto vê o espaço agrário como fornecedor de água, ar, turismo, lazer, bens de saúde, possibilitando uma gestão múltipla do espaço rural, combinando postos de trabalho, pequenas empresas e atividades agropecuárias.

O setor primário no campo destacava-se como área econômica mais dinâmica até a Revolução Industrial, quando esse eixo começa a ser alterado para as cidades. A cidade vai concentrando renda, mão de obra qualificada, mobilidade social e o lugar da monetarização das relações e posteriormente o lugar da formação das massas. O processo de urbanização a que passou o mundo ocidental nos últimos dois séculos foi tão intensa que alguns autores passaram a falar em Revolução Urbana ou em Civilização Urbana. (LEFEBVRE, 2002)

No Brasil, o processo histórico esteve associado ao colonialismo, assim as cidades não tiveram a princípio grande importância e foi à sociedade agrária que controlou a colônia. Entretanto, a partir do século XIX, as cidades tiveram uma crescente importância. As inovações tecnológicas trazidas da Europa, associadas às novas técnicas médicas e sanitárias, a urbanização e a introdução da atividade industrial no país, levaram grande contingente populacional a deixar o campo e experimentar um novo modelo de vida. A vida nas cidades ofereceu salários mais altos que nos campos, crescente acesso à educação e à saúde. Assim, a partir da década de vinte e trinta do século XX, as cidades já podiam ser consideradas grandes centros urbanos, contabilizando um fluxo migratório tão intenso quanto inédito.

Esse processo de superurbanização, com um crescimento acelerado e desordenado das cidades, ocasionou rapidamente a hipertrofia urbana, criando um déficit dos empregos urbanos e o esgotamento dos setores secundários e terciários. Nesse sentido, a urbanização não significou de fato, nos países de capitalismo tardio, um processo que acarretasse o desenvolvimento, e sim a reprodução de problemas típicos do subdesenvolvimento. Contrastando com as cidades europeias, as cidades brasileiras crescem a um ritmo surpreendente e nunca antes visto, ocasionando novos problemas urbanos para o país, como carência de moradia e alimentação, empregos, levando grande contingente populacional para a marginalidade, sujeitando-se a subempregos e ao desemprego.

Essas transformações estruturais, que ocorreram no mundo todo em conseqüência ao processo de urbanização e industrialização, vão influenciar drasticamente, toda a sociedade, criando inclusive uma nova manifestação sociocultural que é denominada cultura urbano e

industrial, chamada por Morin (2000) de cultura de massas: uma cultura industrial que engloba diversas realidades, símbolos, mitos. A industrialização integra um sistema industrial associado ao crescimento da produção que visa o consumo em massa. Para alcançar esse objetivo, esse sistema expande cada vez mais seu público alvo, buscando acima de tudo a satisfação de todos os consumidores, reunindo valores distintos e aos poucos os padronizando. Essa cultura, uma nova cultura criada pelo capitalismo, possibilita a democratização do consumo, a padronização dos gostos e a progressão de determinados valores.

Essa nova situação social cria uma nova civilização, na qual o homem se torna universal e sua cultura (industrial) é determinada pelo mercado. Portanto, é ele, o mercado ou o consumo que determinará a própria produção e reprodução cultural, estabelecendo um novo sincretismo da cultura impressa –arcaica- folclórica, recriando-a de acordo ao interesse do consumidor; isto é essa cultura se reproduz nos moldes capitalistas do lucro.

Esse processo começa a ser chamado por muitos autores de globalização cultural, no qual as particularidades culturais locais tornam-se globais e nesse processo social construído na intersecção do que é global e local, surgem às diversas culturas. Para Santos (2002), essa globalização é a hegemônica, sob influência do capitalismo das classes e países dominantes. Aqueles que resistem fazem parte da globalização contra hegemônica, criticando esse sistema que por estar impregnado de desigualdades, produz uma sociedade injusta. Os cidadãos que antes eram considerados importantes por governos e empresas são substituídos pelos consumidores, que passam a serem os atores principais. Essa globalização, segundo o autor constitui, na verdade uma “globalização da pobreza”, ou ainda segundo Bauman (1989), a nova desordem mundial.

A cultura dessa sociedade de consumo enfatiza uma nova relação de necessidade e a tradicional é substituída pela satisfação e o desejo de adquirir ou consumir, às vezes de maneira desmedida. Esse consumo vai sendo alimentado pela indústria que por sua vez retira os recursos da natureza, utiliza e polui as águas, os solos e o ar. A ânsia pelo desenvolvimento ignora qualquer tipo de qualidade de existência, do meio da solidariedade, a qualidade de vida, as riquezas humanas que não podem ser compradas, a consciência, destrói os tesouros culturais de civilizações antigas e vende a imagem de que é a melhor forma de se viver.

Essa nova economia que vai se estabelecendo no mundo começa a apresentar consequências danosas para a sociedade na medida em que aumenta a desigualdade social, a exclusão social torna-se cada dia mais preocupante, há um colapso na democracia, a deterioração do ambiente natural, enfim a pobreza e a alienação são crescentes. A tecnologia

que deveria ser utilizada para solucionar esses problemas modernos é mal empregada, violando o caráter sagrado da vida e transformando-a em mercadoria (CAPRA, 2002).

Uma política de civilização seria para Morin (1997) a saída para essas questões levantadas por Capra. Essa política teria por imperativo: solidarizar, revitalizar, conviver e moralizar. Então haveria uma reconstrução do modo de vida, de produzir, consumir, substituindo a quantidade pela qualidade. (MORIN, 1997). Nesse contexto, a ânsia de uma vida melhor e mais confortável faz com que os homens produzam uma sociedade injusta e destruam o meio natural, imprescindível para todos, num desenvolvimento desenfreado, que vai moldando novos valores e perspectivas de vida para os cidadãos urbanos.

Dessa reconstrução cultural, um dos novos elementos que vai se destacando é o tempo do trabalho e em contraste, ao de lazer. Ou o lazer moderno, no qual o trabalhador conquista um tempo livre para o descanso, consumo ou o lazer propriamente dito. Esse indivíduo urbano, cosmopolita, inserido numa civilização preocupada com o bem estar procura em seu tempo livre, diversas atividades culturais e turísticas. O turismo emerge como uma atividade importante para esse homem universal dotado de meios de transportes, comunicação e ânsia por distração em uma vida estressante e dissociada da natureza. O reencontro com essa mesma natureza, por meio de caminhadas, pescarias, mergulhos, cavalgadas, começam a ser disseminadas entre cidadãos urbanos.

A felicidade aqui passa a ter uma importância nunca antes vista, pode de fato ser considerada a religião da sociedade urbano-industrial, uma vez que o homem universal não mede esforços pra alcançá-la, mas incapaz de fazê-lo a vida privada mergulha em uma sequência de crises: do amor, do casal, de pais e filhos e dessa felicidade utópica. Assim, na busca pelas formas, o homem acaba se esquecendo do que é de fato mais importante para a existência, o que o leva a um sentimento de angústia e ânsia por encontrar uma saída.

É exatamente nesse contexto, que esse homem universal, impregnado de conhecimentos, gozando de conforto, passa a dar importância a uma outra maneira de se relacionar com o mundo, abdicando da cidade e se internando por longas temporadas, ou até pelo resto da vida no contato com a natureza. Passa a estabelecer novas relações com as habitantes locais, com os recursos naturais e conseqüentemente, consigo mesmo.

3.1. A gente de fora no Vale

Os indivíduos urbanos que saem das cidades em busca desses locais com belezas cênicas surpreendentes e a possibilidade de um ritmo de vida diferente, encontram no vale do Gamarra essas características, assim, no fim do século XX, na década de oitenta, a região

começou a ser conhecida por esses cidadãos que procuravam uma relação mais próxima com a natureza e um novo modo de vida.

Os motivos que os levaram para a região são distintos: alguns procuravam um espaço para seus sítios, no qual passariam parte da semana nessa realidade rural e parte na cidade. Outros procuravam transformar por completo seu modo de vida, imergindo num modo alternativo de reprodução sociocultural distante do modo capitalista da cultura de massa. Há ainda um movimento religioso, daimistas e hare krishnas que procuram colocar em prática valores religiosos.

A Doutrina do Santo Daime teve uma significativa importância para esses novos fluxos migratórios, pois foi na década de oitenta, enquanto a região permanecia bastante isolada das áreas urbanas e do poder público de maneira geral, que seu líder, F, conheceu esse lugar com intuito de fundar uma igreja. A Doutrina é uma religião cristã brasileira fundada na Floresta Amazônica, no início do século XX, e que ao longo do tempo teve uma difusão para outros estados brasileiros e também países.

O que chamou sua atenção na região e no bairro rural de Piracicaba foram às características sociais que se assemelhavam, segundo ele, a sociedades rurais do século XIX, tanto tecnologicamente como socialmente. Bebiam desmedidamente e a violência era corrente. Todos andavam armados e os tiros, as facadas, eram comuns. A precariedade de muitas moradias também foi destacada; a casa que existia na área que foi comprada para a construção da igreja estava tão deteriorada que as paredes estavam prestes a cair.

Com as novas propriedades, o líder espiritual da Igreja do Santo Daime, começou a plantar os vegetais que seriam necessários para a produção da bebida ritual e a construir a igreja. Esses novos empreendimentos na região, as plantações e as construções, empregaram vinte e dois camaradas. Assim foram vinte duas famílias que passaram a ter vínculo empregatício e ganhar um salário fixo por mês. Essa nova realidade também impulsionou economicamente o bairro rural vizinho, Piracicaba, pois com seus salários consumiam na venda. Além do emprego, começa aí um intercâmbio cultural entre ambos. Com o início dos trabalhos espirituais, ritual da Doutrina do Santo Daime, começaram a chegar visitantes: cidade de Baependi e Caxambu e de grandes centros urbanos.

As obras não pararam, pois as casas também eram necessárias e enquanto o povo ia chegando, novos empreendimentos iam sendo feitos: casas, pomares, manejo de abelhas, roçados e mais recentemente, as oliveiras. E os empregos também iam se expandindo, assim como o contato entre essas duas populações, o intercâmbio cultural e a chegada ao vale de outras pessoas das cidades.

A década de noventa foi de muita transformação, as estradas melhoravam e outras terras foram adquiridas por outros grupos. A comunidade do Santo Daime cresceu com a

construção de doze novas casas, que passaram a atrair tanto o turismo religioso, como as migrações definitivas e a organização de uma associação de moradores. Não são todos os proprietários de casas que residem no vale. No entanto, o objetivo de muitos é desenvolver uma atividade econômica que torne possível a mudança definitiva. Entre as atividades, está o novo empreendimento do local: o plantio de oliveiras para a produção de azeite.

Muitos se mudam em busca de uma transformação espiritual, mas outros buscam alternativas sociais, de sociabilidade, uma vida mais calma, sem o stress da cidade, com novas alternativas econômicas, um vínculo menos brando com o mercado. No entanto, foi no século XXI, que o fluxo se intensificou, uma nova estrada foi aberta, possibilitando a circulação de carros de passeio, aumentando o tráfego de toda a gente, de fora e de dentro do Vale.

O modo de vida que tinham na cidade vai se alterando, os valores, o cotidiano, a criação dos filhos, a alimentação também. Alguns dos novos moradores tiveram mais dificuldades em se adaptar ao seu novo modo de vida. Dentre as dificuldades apontadas por eles, está o isolamento e o difícil acesso à cidade, menor número de amigos e companhia no dia-a-dia e a dependência física para todas as atividades, diferente da cidade. A adaptação acontece com o tempo, nessa nova realidade em uma relação mais estreita com os ciclos da natureza.

Nesse contexto, foram muitas as pessoas que se mudaram para o vale do Gamarra, mais depois resolveram voltar para a cidade, não se adaptaram ao estilo de vida da roça. Assim como moradores locais foram para a cidade e também voltaram para o vale. Os fluxos migratórios, o ir e vir, a relação campo cidade, são intensos na região. O intercâmbio social é grande, assim todos os entrevistados apontaram a relação que mantém com a população local. São amigos, colegas de trabalho e vizinhos. Tem por hábito a ajuda mútua, frequentam os mutirões e visitam-se com frequência.

Enfim, uma realidade diferente vai se delineando no Vale de Gamarra, no que tange o ponto de vista da população tradicional que lá vive, dos indivíduos da cidade que chegam ao local com vários propósitos diferentes, e, principalmente, pelo processo de interação entre essas populações. A construção de novos valores, tanto para os primeiros quanto pelos novos habitantes locais, tem significado uma transformação profunda, resultantes desse processo de interação.

A construção de uma sociedade, com distintos valores da sociedade urbana, mas também diferentes da sociedade tradicional parece estar se delineando dentro dessa nova realidade, peculiar ao vale do Gamarra.

Considerações finais

Essa pesquisa abordou especificamente o caipira do sul de Minas Gerais, na região rural de Baependi, no século XXI e suas relações com as transformações da sociedade urbano-industrial.

Partindo da análise do povoamento da região, a área foi caracterizada como um local tipicamente agrário, apesar da grande importância no processo de fixação do homem ao território, o ouro era escasso e rapidamente se extinguiu, levando o baependiano a encontrar uma outra forma de atividade econômica, a agropecuária. Assim desde cedo, a reprodução sociocultural esteve vinculada ao campo.

Nesse panorama, a sociedade tradicional caipira possuía características socioculturais marcantes, mantidas até hoje. Entre elas, destaca-se a solidariedade caipira, forma de unir as famílias, vizinhos e parentes, garantindo a reprodução social em um sistema isolado e distante da cidade, na qual as dificuldades são vencidas justamente com essa ajuda mútua em uma sociabilidade extremamente peculiar, responsável pela coesão social.

A infraestrutura oferecida aos cidadãos urbanos, como luz elétrica, transporte, educação e saúde não estavam presentes na vida dos caipiras do vale do Gamarra, levando muitos para a cidade em busca de uma vida mais confortável com acesso a esses serviços. Por outro lado, os atributos naturais da região foram atraindo uma população urbana, imersa ao modo de vida deslocado do meio natural em busca de um contato mais estreito com a natureza, longe do stress das grandes cidades.

O caipira, em contato com a população vinda da cidade, comercializando seus produtos, fazendo compras nos mercados e por vezes procurando emprego no campo e também nas cidades, inseriu-se num movimento cultural dinâmico, criando e recriando formas distintas de reprodução social. Interagindo interna e externamente com diversos indivíduos de locais diferentes e com modos de vida diferentes, vão constituindo na região um movimento todo particular. O intercâmbio cultural lança novos valores tanto para a população local como para os novos moradores do vale.

Esses novos habitantes chegando ao Vale do Gamarra imprimem uma transformação socioeconômica, uma vez que novos empreendimentos começaram a acontecer, construções e plantações empregaram trabalhadores, aumentando a renda familiar, as estradas começaram a ter manutenção e novas estradas foram abertas. A interação cultural entre a comunidade tradicional caipira e os novos moradores é intensa, a construção de novos valores, tanto para os primeiros como pelos novos habitantes da região tem delineado uma transformação profunda, resultante desse processo. A interação pode ser considerada cultural, mas também socioeconômica, estamos presenciando um movimento de crescente pluriatividade, isto é, atividades não agrárias sendo intercaladas com atividades agrárias

tradicionais. Entre elas, podemos destacar: o artesanato de cestos de bambus, o turismo e a olivicultura.

Os novos moradores, ao mudarem para o Vale, buscam alternativas de geração de renda: uns vão trabalhar nos roçados, em artesanato, serviço de pedreiros, como os moradores locais, enquanto outros buscam alternativas de geração de renda, como a olivicultura e o turismo, para possibilitar sua fixação no local podendo vivenciar uma realidade diferente, enfatizando valores espirituais e comunitários.

Nesse contexto, as interações culturais, sociais e econômicas são imensas, o movimento tem uma característica complexa, pois os caipiras mudam-se para as cidades, eventualmente, ao mesmo tempo, intercalam a cidade e o campo e muitos também retornam para o vale. Enquanto cidadãos urbanos dirigem-se para a região, outros tantos também retornam à cidade. Nesse movimento migratório, ocorre uma interação intensa entre os valores culturais e a própria reprodução social dos indivíduos que participam desse movimento. As sociedades não são estáticas nem no tempo e nem no espaço, tudo está em um processo de constante transformação, com características próprias.

Os moradores locais na região reproduzem-se socialmente de forma não capitalista, e os novos rurais em busca de novas formas de vida encontram no sistema social caipira uma possibilidade de reprodução social. Contudo, apesar de ansiar uma nova vida, carregam consigo valores capitalistas. Ocorre, portanto, a absorção de valores caipiras em uma mentalidade capitalista, produzindo novas formas de interação social. Já a população tradicional está impregnada de valores tradicionais e interagem com os novos moradores. Esses por sua vez, também não estão presos nem estáticos no tempo e sim susceptíveis a influências e ambos convivem numa reprodução sociocultural nessa área cultural caipira.

Enfim, imersos em múltiplas novas realidades, produzindo e reproduzindo formas de vida e de atividades econômicas os moradores do Vale do Gamarra tem transformado essa área tradicional caipira. Não há como prever os rumos dessas transformações, mas esse trabalho aponta algumas tendências. Já que não são estáticas no tempo e no espaço, se transformam, sem, contudo perder algumas características da sua reprodução social tradicional caipira. A partir disso, novos atores emergiram e também novas atividades econômicas surgiram como alternativas em um tempo em que o mundo rural entrelaça-se ao mundo urbano produzindo uma sociedade extremamente peculiar.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. *O futuro das regiões rurais*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983, p. 61
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius, 1997.
- CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB - Universidade de São Paulo, 1994.
- DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. *Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAB-USP, PROBIO - MMA, CNPq, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo horizonte: Ed. da UFMG, 2002.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no Século XX. Espírito do Tempo 1: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 6ª ed., 1994.
- MORIN, Edgar e NAIR, Sami. *Uma política de civilização*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SILVA, José Graziano. *O novo rural brasileiro*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, Instituto de Economia, Coleção Pesquisa 1, 2002.
- SOUZA SANTOS, Boaventura. *A globalização e as ciências sociais*. In: ----- (org.) *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002 p. 25 -102.